



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTROS DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA INGLESA (EAD)

A RELAÇÃO ENTRE O FANTÁSTICO E INSANIDADE NO CONTO *O CORAÇÃO DENUNCIADOR*, DE EDGAR ALLAN POE

Araruna
2020

José Cândido Rodrigues Neto

**A RELAÇÃO ENTRE O FANTÁSTICO E A INSANIDADE NO CONTO O
CORAÇÃO DENUNCIADOR, DE EDGAR ALLAN POE**

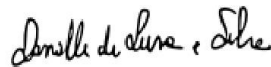
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Profa. Dra. Maria do Rosário Silva Leite – UFPB
Orientador/Presidente



Profa. Dra. Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Profa. Dra. Danielle de Luna e Silva – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape/PB
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTROS DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA INGLESA (EAD)

A RELAÇÃO ENTRE O FANTÁSTICO E INSANIDADE NO CONTO *O CORAÇÃO DENUNCIADOR*, DE EDGAR ALLAN POE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras (Inglês).

José Cândido Rodrigues Neto

Araruna
2020

Resumo

Este trabalho consiste em um estudo bibliográfico que tem por objetivo investigar os conceitos de fantástico e insanidade presentes no conto *O coração denunciador* (1843), de Edgar Allan Poe, indicando alguns desdobramentos desses conceitos na produção narrativa do escritor norte-americano. Em conformidade com Gabriel (2017) e Baudelaire (2012), é possível perceber que loucura e insanidade são temáticas que perpassam a produção literária de Poe e que estão presentes no conto a ser analisado neste estudo. Para fazer a abordagem ao conto, recorreremos à categoria do fantástico, desenvolvida por Todorov (1981), com o intuito de apontar de que maneira o tema da insanidade, presente no conto analisado, se relaciona com os elementos da literatura fantástica, e de que forma tais elementos dão subsídios para a construção de uma narrativa que se estrutura a partir da hesitação do leitor, diante de um personagem/narrador que põe em xeque o seu relato insólito, por conta de seu notável estado de perturbação mental. Assim, esperamos que os conceitos aqui analisados possam contribuir como chaves de leitura e interpretação da obra de Poe.

Palavras-chave: Insanidade. Fantástico. Poe. Coração denunciador.

Abstract

This study consists of a bibliographic study that aims to investigate the presence of the fantastic and the concept of insanity present in the short-story *the tell-tale heart* (1843), by Edgar Allan Poe, showing some developments of these concepts in the narrative of the North American author. According to Gabriel (2017) and Baudelaire (2012), it is possible to perceive that madness and insanity are themes that permeate Poe's literary production and that are present in the story to be analyzed in this study. To approach the story, we will resort to the category of the fantastic, developed by Todorov (1981), in order to point out which way the theme of insanity, present in the analyzed story, relates to the elements of fantastic literature, and how such elements provide subsidies for the construction of a narrative that is structured based on the reader's hesitation, according to a character/narrator who calls into question his unusual report, due to his remarkable state of mental disturbance. Thus, we hope that the concepts here will be able to contribute as key elements for reading and interpreting Poe's work.

Key – words: Insanity. Fantastic. Poe. Tell-tale heart.

1. Introdução

A loucura e a insanidade são temas recorrentes na obra do escritor Edgar Allan Poe e segundo Julio Cortazar (1998) a loucura sempre foi um signo muito presente no mundo do poeta e prosador norte-americano. Seus contos são repletos de personagens que se encontram no limiar entre a sanidade e a loucura. Basta lembrar dos personagens narradores dos contos: *O gato preto*, *O coração denunciador* e *William Wilson*, que são pessoas atormentadas e que nos deixam em dúvida se o seu fantástico relato é algo ocorrido de fato, ou apenas uma criação doentia de suas mentes atormentadas. Este tipo de dúvida, segundo Todorov (1981) seria característica das narrativas fantásticas, já que elas são marcadas pela hesitação do leitor, que não tem uma resposta definitiva para poder confirmar se o que está acontecendo é algo além das leis naturais ou é produto da imaginação, do sonho, da alucinação ou da loucura. Em conformidade com Gabriel (2017), Corrêa (2011) e Ceserani (2006), podemos situar boa parte das narrativas de Poe no gênero fantástico, inclusive o conto *O coração Denunciador*, objeto de análise neste estudo.

Para Maria Alice Gabriel (2017), na obra de Poe, o mal não ocorre a partir de fontes externas, ele é proveniente de uma espécie de insanidade moral. Nos contos do escritor norte-americano a insanidade é decorrente principalmente de fatores internos e intrínsecos à personalidade humana, como uma perversidade moral ou tendência natural para o mal, que está presente em alguns indivíduos. No entanto, nas narrativas deste autor a loucura pode também decorrer ou ser potencializada por fatores externos como, por exemplo, o alcoolismo, alguma perda familiar ou afetiva.

Um recurso utilizado por Poe, e que ressalta não apenas a insanidade, mas também a presença do fantástico é a narração em primeira pessoa. O que sabemos da história geralmente é contado por um personagem-narrador, que por apresentar perturbação ao relatar os fatos nos coloca no campo da incerteza quanto a veracidade de seus relatos. Isto ocorre, a título de exemplificação, no *Coração denunciador*, *William Wilson* e *O gato Preto*. Como Gabriel (2017) nos mostra, em *O Coração denunciador*, Poe ambienta sua narrativa a partir do relato do personagem-narrador que ao tentar nos convencer a todo custo de sua sanidade, torna evidente sua loucura, algo próprio das narrativas do gênero fantástico, conforme destaca Todorov (1981).

Como vimos, a insanidade é um tema latente na obra de Edgar Allan Poe. Com isso compreendemos que esse conceito pode ser utilizado como valiosa ferramenta de leitura para adentrarmos na obra do escritor norte americano. Diante disto, faremos a análise do conto *O*

coração denunciador, buscando investigar as seguintes questões: quais são os principais elementos que configuram a insanidade nos contos de Edgar Allan Poe e que estão presentes no conto supracitado? De que maneira a insanidade e o fantástico se relacionam na narrativa em questão?

Compreender o conceito de insanidade é elemento de destaque para buscarmos uma compreensão mais completa da obra de Poe, uma vez que grande parte da produção deste autor é permeada por esse conceito, que pode ser utilizado como chave de leitura e interpretação.

2. Dados biográficos de Edgar Allan Poe

Em 19 de Janeiro de 1809, na cidade de Boston, nos Estados Unidos, nasceu o escritor e poeta Edgar Poe, mais tarde conhecido como Edgar Allan Poe. Logo cedo Poe é abandonado por seu pai, e sua mãe morre de tuberculose, deixando-o órfão aos três anos de idade. Em decorrência desses acontecimentos, o pequeno Poe é adotado pelo casal John e Frances Allan, herdando o sobrenome de seus protetores como seu nome do meio. Os pais adotivos de Poe possuíam boas condições de vida e com isso proporcionaram uma ampla formação ao seu pupilo.

Logo cedo Poe se interessa pelas letras e pela literatura e se debruça sobre revistas, poemas, romances e toda sorte de escritos. Ele também desperta prematuramente o gosto por poetas românticos como Byron, Wordsworth e também passa a ler romances e contos de terror. O escritor inglês Walter Scott também estava entre suas preferências literárias.

Em sua juventude, Poe é mandado, por seus pais adotivos, para a universidade de Virgínia, onde aprofunda seus estudos literários. Como estudante Poe era brilhante e impressionava seus colegas ao falar e escrever em línguas clássicas. Em sua época de universitário, desperta o gosto pela bebida e pela vida boêmia, se entregando a apostas e todo tipo de regalias e festins. O gosto pelo álcool, iniciado na época de estudante universitário, acompanharia Poe em toda sua vida, se tornando ele um alcoólatra inveterado.

Por conta de desentendimentos com seu pai adotivo, Poe deixa o lar de seus protetores e vai tentar a vida de escritor em Boston, onde faz suas primeiras publicações graças a sua amizade com um jovem impressor. Sua primeira publicação teria sido um livro de poesias, que foi um fracasso comercial. Ele adentra então em um período de miséria e penúria, mergulhando no vício do álcool, do ópio e nas dívidas contraídas pelo jogo. Poe se alista para o exército como soldado raso e tem uma breve e malsucedida experiência militar. Ainda no

exército, ele recebe a notícia de que sua mãe adotiva, Frances Allan, havia morrido. No entanto, apesar de sua condição desfavorável continuou produzindo seus poemas, contos e outros escritos. Poe aos poucos vai se dedicando cada vez mais aos contos, pois estes eram mais vendáveis e poderiam lhe garantir a renda que necessitava para sobreviver, mesmo que não o proporcionassem o reconhecimento que ele almejava naquele momento.

Em 1836 Poe casa-se com sua prima Virginia Clemm, que tinha então só 13 anos e passa a ser sua companheira em uma vida marcada pela pobreza. Devido a seus hábitos desregrados, Poe é demitido do cargo que ocupava na revista *Southern Literary Messenger* e aprofunda ainda mais a sua miséria. Como fator agravante à situação, sua esposa Virgínia contrai tuberculose e morre com esta doença, que seria um estigma na vida do poeta norte-americano. A tragédia familiar faz como que ele se entregue ainda mais ao vício do álcool. Em 07 de Outubro de 1849, Poe falece em Baltimore, acometido por enfermidades que teriam sido agravadas pelo uso excessivo de álcool.

Para Amodeo (2013), a carreira literária de Poe seria marcada pela ausência de reconhecimento. Ele teria morrido nas ruas de Baltimore no anonimato. O fim de sua vida teria sido dramático. Poe também teria passado boa parte de sua vida na penúria, sem quase nenhum reconhecimento. Diante de tudo isto, o escritor norte americano para muitos encarna a figura do gênio maldito, que apesar de sua produção autêntica, cativante e atemporal, teria tido pouca notoriedade no seu tempo e uma vida marcada por sofrimentos e amarguras.

Apesar das adversidades, Poe consegue construir um verdadeiro legado cultural. Como dito por Amodeo (2013), sua obra está muito presente na cultura popular. Diversos dos seus contos foram adaptados para o cinema, como o próprio *Coração denunciador*. Poe é mencionado em filmes, músicas e desenhos, como nos *Simpsons*, onde há um episódio em que o escritor norte americano aparece. A vida dele também foi transformada em longa-metragem, no filme *O corvo* de 2012, do diretor James Mc Teigue. Poe aparece na capa do disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles, e tem seus contos musicados no disco *Tales of Mystery and Imagination*, do grupo de rock progressivo *The Alan Parsons Project*. O cantor brasileiro Belchior menciona Poe em sua música *Velha roupa colorida*, chegando a citar trechos do poema *O corvo*, do escritor norte-americano. Além de tudo isto, Poe se tornou um escritor muito influente, servindo de referência para inúmeros contistas e escritores canônicos como Charles Baudelaire e Paul Valéry, também para escritores brasileiros como Augusto dos Anjos e Machado de Assis. Diante disso, podemos dizer que Edgar Allan Poe se tornou um ícone cultural e literário.

3. A insanidade e o Fantástico nos contos de Poe

Para Silva (2013), o sobrenatural e o fantástico nos contos de Poe emergem a partir da tensão entre loucura e razão. De fato, as narrativas de Poe, são recheadas de mistério, suspense e eventos que desafiam a compreensão humana e qualquer explicação racional. No entanto, em algumas narrativas do escritor norte-americano não sabemos se os eventos insólitos possuem uma objetividade, que poderia ser partilhada por outros indivíduos, ou se são apenas fruto da imaginação doentia de seus personagens. Isto insere alguns de seus contos, como o *Coração denunciador*, objeto deste estudo, e *O gato preto*, dentro do gênero fantástico, conforme a classificação feita por Todorov (1981), que caracteriza este gênero da seguinte maneira:

Chegamos assim ao coração do fantástico. Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está rígida por leis que desconhecemos. [...] Há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico. (TODOROV, 1981, p. 15-16)

Em sua definição do Fantástico, Ceserani (2006, p. 71), afirma que “o conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo”. Já Todorov ressalta o elemento da ambiguidade, como característica essencial do texto, colocando-o no campo da incerteza, provocando o efeito de dúvida e hesitação no leitor, que passa a desconfiar da veracidade do fato narrado. Diante da caracterização do gênero fantástico, feita por Todorov (1981), podemos dizer que o conto analisado neste estudo, e outros contos de Poe, apresentam importantes elementos fantásticos, que se desdobram na narração de acontecimentos incomuns e estranhos, que muitas vezes estão inseridos em um contexto de dúvida, devido ao aparente estado de perturbação e de devaneio do narrador. Em conformidade com Silva (2013), Santos e Gabriel (2014), podemos dizer que em alguns contos de Poe, que possuem narração em primeira pessoa, o real é bastante problemático, uma vez que geralmente não é vivenciado de forma coletiva, mas parte de uma visão subjetiva do personagem narrador, que geralmente se encontra em situação de desequilíbrio emocional, e por isso passa a ser suspeito. Podemos perceber isto nos contos *O coração denunciador*, *O gato preto*, *Morela* e *Eleonora*. Sobre este último Silva (2013, p.4) nos diz que “O narrador

instaura, desde as primeiras linhas do conto, um jogo entre duas explicações para o que será narrado, ou seja, os fatos são produto de loucura, ou decorrentes de um sonho”. Nestes contos, alguns episódios que se apresentam como fantásticos, muitas vezes são revestidos de uma certa ambiguidade. Poderíamos nos questionar se seriam tais episódios insólitos e extraordinários, ou seriam fruto da imaginação de um narrador perturbado e com suas capacidades racionais turvadas por emoções violentas.

Em alguns escritos de Poe a loucura ou insanidade se apresentam como um estado de desequilíbrio mental, que muitas vezes causa uma forte perturbação nos personagens e estes se distanciam de uma ordem que seria instaurada pela razão, pela ética e moralidade. Desse modo, a loucura e a insanidade, seriam catalisadores do fantástico, já que instauram o estado de dúvida e vacilação do leitor frente aos acontecimentos narrados. Segundo Todorov (1981), tal vacilação seria condição essencial para o fantástico.

Nas narrativas de Poe os elementos fantásticos também são potencializados pela unidade de efeito, que é característica do conto e que cria suspense e faz com que o leitor sinta vontade de chegar ao fim da história, que culmina com um clímax, que é construído de forma crescente, onde todos os elementos do relato devem convergir para este efeito. De acordo com Gotlib (2006), Poe defendia que o conto deveria ter essa unidade de efeito, ou seja, deveria causar uma forte impressão no leitor a partir da leitura em um “único fôlego”. O contista norte americano dava grande importância ao efeito produzido no leitor, para que tal efeito fosse duradouro era necessário uma leitura de uma única assentada e sem interrupções, ou seja, uma narrativa de média extensão que fosse possível ser lida de uma única vez e em um tempo que poderia variar de meia hora a umas duas horas de leitura. O recurso de unidade de efeito, utilizado por Poe, tem a capacidade de prender a atenção do leitor, que fica na expectativa do desfecho final da trama, que quase sempre é produzida através do suspense e do mistério em torno de um fato incomum. Isso vai sendo alimentado de forma crescente até culminar com um clímax marcante.

4. Análise do conto O Coração Denunciador

O conto *O coração denunciador* se inicia com o personagem/narrador chamando a atenção para o seu estado de nervos e hipersensibilidade. Ele atribui essa situação de desequilíbrio e nervosismo a uma enfermidade que o tem acometido, a despeito de um suposto interlocutor que insiste em sua loucura. No decorrer do conto, notamos que o personagem/narrador busca convencer o seu interlocutor de que ele não estaria louco. Em

dado momento, ele busca provar sua sanidade a partir de uma inconsistência lógica, perguntando: “Escutei todas as coisas no céu e na terra. Escutei muitas coisas no inferno. Como, então, posso estar louco?” (POE, 2012, p. 105). Perceba que não é possível assegurar a sanidade de alguém por estar “ouvindo todas as coisas do céu e da terra”. Tal capacidade é inconcebível para qualquer ser humano e afirma-la seria no mínimo um incoerência argumentativa, ou até o resultado de uma mente delirante. Toda a narrativa é marcada por inconsistências lógicas, que vão evidenciando o estado de afetação das capacidades racionais do personagem/narrador. Assim, ao longo desta análise, iremos apontando outras destas inconsistências.

Outro ponto que coloca a narração sob suspeita é o fato dela ser conduzida em primeira pessoa. Portanto, os eventos que ocorrem são todos relatados por um narrador que vai se mostrando cada vez mais perturbado, e como nos diz Corrêa (2011), apesar de insistir em seu estado de sanidade, o narrador notavelmente perdeu o controle. Diante deste quadro, não é possível saber se aquilo que ele relata tem correspondência com a realidade ou se é produção de sua mente doentia.

Conforme Santos e Gabriel (2014), nos contos de Poe não se pode confiar no narrador/protagonista que insiste em sua própria sanidade. No conto *O coração denunciador*, após mencionar seu estado de nervosismo, logo no primeiro parágrafo, o narrador segue seu relato dizendo que irá contar o desenrolar dos fatos de maneira lúcida e sensata. Logo ele confessa a sua resolução em cometer um crime contra um velho, para quem provavelmente ele trabalha ou de quem ele é cuidador, não temos certeza, pois a narrativa não nos dá tantos detalhes quanto a isso. Apesar de tentar assegurar sua sanidade ao dizer que seu crime foi friamente premeditado, o narrador diz que não sabe o que o teria motivado, nem quando tal ideia passaria a habitar sua mente. Diz ele o seguinte:

É impossível dizer em que momento a ideia penetrou em meu cérebro; porém, uma vez concebida, perseguiu-me dia e noite. Objetivo, não havia. Furor, não havia. Eu gostava do velho. Nunca me fizera mal. Nunca me ofendera, De seu ouro nunca tive desejo algum. (POE, 2012, p. 105)

Percebemos que isto reforça ainda mais a insanidade do personagem/narrador, visto que cometer um crime sem motivo algum é no mínimo insensato, e ainda mais quando não se sabe como tal resolução teria ocorrido. Além disso, ele ainda diz ter afeição pela vítima, no caso “o velho”. No entanto, nas linhas seguintes é possível perceber que a pulsação por cometer o crime teria se originado em uma obsessão do narrador com um olho de sua vítima, que segundo ele se assemelhava a um olho de abutre (*Vulture Eye*), devido à tonalidade azulada provocada pela catarata. Percebamos que o assassinato, que o narrador diz estar

decidido a cometer, não possui motivação alguma, uma vez que não poderia ter sido movido por raiva ou vingança, visto que o personagem diz que sempre foi bem tratado pelo velho e até tinha afeição por ele. O interesse financeiro e o roubo também não seriam causas para o crime, uma vez que o narrador diz não cobiçar as riquezas de sua vítima.

O personagem confessa que quando o olho de abutre pousava sobre ele causava-lhe um efeito muito perturbador e por isso ele teria decidido se livrar de tal olhar de uma vez por todas. Com isto, percebemos mais um sintoma de insanidade do narrador, pois ele não conseguia ver o velho como completude, mas como um ser fragmentado. Tanto é que ele diz que “não era o velho que me perturbava, mas o seu Mau-Olhado” (POE, 2012, p. 106). É possível perceber que o narrador se sente profundamente incomodado, quando observado pelo olho de abutre, como se este caísse sobre ele a lhe perscrutar, pois ele diz: “Um de seus olhos parecia o de um abutre – um olho azul-claro, velado pela catarata. Sempre que pousava sobre mim, meu sangue gelava” (POE, 2012, p. 105) Isso reforça ainda mais a ideia de que o narrador sofre de algum tipo de paranoia, uma vez que ele se sente incomodado em ser observado por um olho que pouco enxerga, devido ao efeito limitador da catarata.

Com isto, podemos dizer que a obsessão pelo olho de abutre levaria o narrador a ter a ideia de assassinato como algo a lhe assaltar constantemente. Isto nos leva a concluir que o crime não teria sido o resultado de uma ação friamente premeditada, como quer nos convencer o narrador, mas a decorrência de um impulso obsessivo que o atormentava a todo momento. Neste sentido, Corrêa (2011), defende que o crime neste conto é destituído de motivações racionais, e com isto chega a ser irracional. Na trama em análise, o olho de abutre e a estranha sensação que este causa no personagem/narrador desencadeiam os acontecimentos que culminam com o assassinato.

O olho de abutre é muito sugestivo no conto, e representa o olhar perscrutador do outro, que nos interpela e fustiga. Metaforicamente, o narrador passa a representar a dificuldade humana em lidar com olhar do mundo externo, que recai sobre o eu, reduzindo-o e julgando-o. Além disso, o olho de abutre pode ser compreendido como uma figura que reveste a loucura do narrador. Notamos que o personagem/narrador sente-se perseguido pelo olho do velho, pois ele diz que quando sentia esse olho cair sobre sua pessoa, um frio gelava sua espinha. Sabemos que muitas vezes as pessoas insanas apresentam mania de perseguição, ao se sentirem observadas ou vigiadas. O olho de abutre também pode ser compreendido como a capacidade de mirar as profundezas da alma humana, descobrindo forças obscuras que se escondem na superficialidade do dia-a-dia, já que sua mirada não se volta para as coisas comuns, devido a sua quase cegueira, mas para algo além do plano superficial da visão. Os

instintos assassinos se ocultavam por trás da aparente cordialidade do narrador, e ele se sentia profundamente perturbado por um olho que, apesar de não enxergar bem as coisas do mundo externo, parecia sondar os recônditos de sua persona.

Sabemos que os abutres são aves de grande porte que se alimentam de animais em decomposição e que constantemente se acercam a animais moribundos, na expectativa de se alimentar deles. Por conta disso, os abutres são tidos por muitas culturas como um símbolo da morte e de sua inevitabilidade. Diante disso, podemos dizer que, no conto, o olho de abutre pode simbolizar o medo inconsciente que o narrador teria da morte, e que se concretiza no olho de sua vítima. Isso explicaria o frio na espinha e a sensação de angústia do narrador quando mirado por esse olhar, já que ele seria como um prenúncio de morte, ou um aviso da sua inevitabilidade. Vale lembrar que o dono do olho de abutre é uma pessoa provavelmente muito idosa, e conseqüentemente mais próxima da morte. Isso faz com que o “velho” e seu “mau olhar”, evoquem os pensamentos angustiantes e atormentadores que tomaram conta do narrador. É preciso lembrar que no início do conto ele próprio diz estar acometido de um enfermidade, da qual não nos dá detalhes, mas que pode também ser uma das fontes de sua angústia pela morte. A figura do velho e seu olho azulado parece despertar no narrador o medo mais primitivo do ser humano, o medo de morrer, e por isso ele se sentiu obrigado a eliminar o olho que lhe provocara tanto terror.

Para nos convencer de que o assassinato havia sido bem planejado, o criminoso relata que havia esperado oito noites, e que em todas elas teria observado meticulosamente o velho durante seu sono. Além disso, o criminoso diz que na semana que antecederia o crime ele teria tratado sua vítima com grande afabilidade e cordialidade, para que ela de nada suspeitasse. No entanto, apesar de apresentar esse contexto, que aparentemente evidencia um crime perfeitamente planejado, podemos destacar que o assassino só consegue efetivar seu ato na noite em que o velho está acordado, e portanto, com o olho de abutre a amostra. Nas noites anteriores ele não foi capaz de cometer seu intento. O próprio narrador diz isso da seguinte forma: “E assim procedi por sete longas noites – toda noite, por volta da meia-noite -, mas encontrava o olho sempre fechado; e era impossível executar o trabalho” (POE, 2012, p. 106). Isso nos expõe que apesar de todo planejamento do assassino, seu ato só poderia ser executado se ele estivesse diante do objeto de sua repulsa, o olho de abutre. Em conformidade com Freitas (2011) podemos inferir que para o criminoso não bastava matar o velho, mas seria preciso se livrar do seu olho.

Na oitava noite em que observava o velho, o assassino é percebido por sua vítima, que fica acordada em pânico no quarto escuro por cerca de uma hora, sem ver ou ouvir nada,

porém sentido a presença de seu algoz. Algo que reforça a ideia de que o narrador é vítima de um medo obsessivo pela morte é o momento em que ele está prestes a assassinar o velho e diz que este emitiu um sussurro abafado, que é identificado como a angústia provocada pela terror mortal, o narrador diz saber disso porque ele próprio todas as noites seria vítima de tal terror. Ele nos relata esse momento da seguinte forma:

Em seguida escutei um ligeiro gemido, e soube que era o gemido do terror mortal. Não era um gemido de dor ou de pesar – oh, não! -, era o som baixo e abafado que se ergue do fundo da alma quando oprimida pelo medo. Eu conhecia o som muito bem. Inúmeras noites, à meia-noite, quando o mundo inteiro dormia, ele brotara das profundezas de meu próprio peito, intensificando, com seu pavoroso eco, os terrores que me afligiam. Digo que o conhecia bem. Eu conhecia o sentimento que inquietava o velho, e me apiei do homem, embora em meu íntimo risse. (POE, 2012, p. 107)

O assassino diz que teria ficado todo esse tempo imóvel a contemplar o terror do velho, com um misto de compaixão e prazer. Em dado momento o algoz diz que resolve acender sua lanterna e essa, acidentalmente, cai sobre o olho do velho. Isso enche o assassino de fúria, impelindo-o ainda mais a cometer o assassinato. O momento em que isso tudo se passa é descrito da seguinte forma:

Depois de ter esperado por um longo tempo, muito pacientemente, sem ouvi-lo se deitar, resolvi abrir uma pequena – muito pequena, minúscula – fresta na lanterna. Desse modo a abri – sereis incapazes de imaginar quão furtivamente, furtivamente – até que, finalmente, um único facho tênue como um filamento de teia brilhou através da fenda e pousou sobre o olho vulturino.

O olho estava aberto – aberto, arregalado – e senti a fúria crescer dentre de mim ao fitá-lo. Enxerguei-o com perfeita nitidez – todo ele de um azul desbotado, com um véu hediondo a cobri-lo que gelou meus ossos até a medula; mas nada mais podia eu enxergar do rosto do velho ou de sua pessoa: pois dirigira o facho como que por instinto precisamente sobre o ponto maldito. (POE, 2012, p. 107)

No relato do personagem/narrador é possível perceber a repetição de algumas palavras sem necessidade aparente, o que demonstra um estado de agitação mental provocado no narrador ao reviver o momento do crime. Além disso, podemos destacar a fúria irracional que se apossa do criminoso no momento em que ele se depara com o olho de abutre, que é objeto de sua fixação. Nesse momento, é como se ele não enxergasse uma pessoa em sua frente, mas apenas um objeto que o causa repulsa e que precisa ser exterminado.

Ao sentir a presença de um invasor, o velho entra em pânico e as batidas de seu coração interrompem o silêncio da noite, sendo ouvidas cada vez mais altas por seu algoz. Esse é o primeiro momento em que é mencionado o coração do velho, cujo som que é ouvido se acentua de modo crescente pelo narrador/protagonista. As batidas do coração atemorizado

da vítima, incitam ainda mais ao assassino em sua fúria irracional. O efeito crescente das batidas do coração é descrito da seguinte forma pelo assassino: “Foi ficando mais rápido, mais rápido, e mais alto, mais alto a cada instante. O terror do velho deveria ser extremo!” (POE, 2012, p. 108). Chega o momento em que o assassino não consegue mais se controlar e avança para cima do velho com um poderoso urro. Ao efetuar sua ação, o criminoso constata que o velho está morto, pois o coração, que antes o perturbava, está em completo silêncio. Ele chega a dizer que o olho de abutre não o incomodará mais.

Novamente, o narrador tenta nos convencer de sua lucidez ao descrever os cuidados tomados para ocultar o cadáver. Primeiro, ele resolve desmembrar sua vítima. Em seguida, as partes do corpo são escondidas sob o assoalho, debaixo do piso. Ao fazer isso, ele recoloca o revestimento de madeira do piso cobrindo o corpo de sua vítima. Tentando demonstrar a perfeição de seus cuidados ao esconder o corpo, o narrador recai em outra inconsistência lógica, ao dizer que não havia deixado marcas de seu crime, que fossem visíveis a qualquer olho humano, nem mesmo o olho de abutre. Neste trecho o narrador diz o seguinte: “Depois recoloquei as pranchas com tal perícia, com tal astúcia que nenhum olho humano – nem mesmo o dele – poderia ter detectado alguma coisa errada”. (POE, 2012, p. 110)

Percebemos que o narrador passa a sensação de que acredita que o olho de abutre tenha uma acurada capacidade de visão, ao dizer que nenhum olho poderia enxergar falhas na ocultação do crime, “nem mesmo o dele” (do velho). No entanto, como esperar que um olho com catarata tenha grande poder de visão? Notamos que ao fazer isso o narrador comete um incoerência lógica. Não se pode esperar que um indivíduo acometido de catarata enxergue bem, principalmente melhor do que outras pessoas. Isso evidencia ainda mais a obsessão pelo olho de abutre.

A obsessão dos personagens de Poe, denuncia o distanciamento destes com uma normalidade, que seria instaurada pelo uso da razão. Tais personagens se encontram em um estado patológico, causado por uma intensa perturbação mental e fixação doentia por um objeto, que nos exemplos em questão são partes do corpo humano, como dentes, olho e o coração. O termo patológico aqui remete ao radical grego *Pathos*, que designa o estado em que o ser humano não estaria em condições de fazer uso pleno de suas faculdades racionais, e assim, seus atos seriam impelidos por outras instâncias da psique humana, como a perversidade e os instintos irracionais. (ABBAGNANO, 2012). Esse efeito patológico é notado no personagem/narrador quando ele diz: “Com efeito – nervoso – tenho andado terrivelmente nervoso, ando com os nervos à flor da pele [...]” (POE, 2012, p. 105).

Após ter feito todos os preparativos para esconder seu crime, o assassino é interrompido por uma batida na porta. Para convencer a si mesmo de sua tranquilidade ele diz: “Desci com o coração leve – pois o que tinha eu agora a temer?” (POE, 2012, p. 110). Ao atender o chamado na porta, o criminoso deixa entrar três policiais, que teriam sido chamados por um vizinho que escutou um barulho na noite do crime. Os policiais se apresentam com muita cordialidade e nesse conto não se mostram como forças autoritárias e coercitivas que representariam as determinações do mundo objetivo, como a potência punitiva da lei. Conforme Corrêa (2011), isto sugere que nessa narrativa, Poe não estava preocupado com as influências externas e objetivas, mas com as influências internas e subjetivas. O conflito não ocorre no mundo objetivo, mas na mente atormentada do personagem/narrador. Percebemos que os policiais não se colocam como perseguidores ou investigadores implacáveis, eles apenas chegam para verificar o ocorrido, vistoriam a casa e logo se sentem satisfeitos. No entanto, o personagem narrador para convencer a si mesmo de sua tranquilidade acaba pedindo que os policiais fiquem mais um pouco e descansem. Assim, ele descreve esse momento de ousadia:

No entusiasmo de minha confiança, trouxe cadeiras para o quarto, e insisti que ficassem ali descansando de sua faina, enquanto de minha parte, com a irrefreável audácia de meu triunfo perfeito, punha minha própria cadeira exatamente sobre o ponto sob o qual repousava o corpo da vítima. (POE, 2012, p. 110)

Após este ato ousado e aparentemente sem sentido, alguma coisa começa a dar errado para o personagem narrador, ele passa a se sentir angustiado e chega a desejar que os policiais partissem do local. No entanto, ele ouve um pequeno barulho, que começa em seu ouvido, aumentando e ganhando intensidade. Logo o narrador reconhece as batidas do coração do velho, que teriam vencido a morte para denunciar seu assassino. Com isso, o narrador sai abruptamente do estado de tranquilidade para a completa perturbação mental. Ele chega a acreditar que os policiais sabiam de tudo, e com isso se desespera e confessa seu crime aos brados: ““Patifes!”, urrei, “basta de dissimulações! Admito o que fiz! – arrancai as tábuas – aqui, aqui! – é o batimento de seu odioso coração!”” (POE, 2012, p. 111).

Esse trecho da narrativa é bem sugestivo e nos traz algumas inquietações. Estaria o narrador realmente ouvindo as batidas do coração do velho, ou estas seriam produto de sua mente perturbada? Acreditamos que o estado de agitação mental poderia ter produzido, na mente do narrador, o barulho das batidas do coração, ou ele poderia estar ouvindo seu próprio coração, mas não o do velho. O próprio narrador chega a dizer que os policiais nada escutavam, o que corrobora com seu estado de delírio. Além disso, o barulho do coração começa nos ouvidos do narrador, e só em seguida ele acredita estar ouvindo o coração do

velho. No entanto, apesar das evidências que confirmam o estado de devaneio do narrador, não podemos descartar completamente a possibilidade de haver aqui um acontecimento sobrenatural, que seria as batidas do coração de uma pessoa já morta. É justamente essa dúvida que instaura o caráter fantástico da narrativa.

O estado de total desequilíbrio do personagem, nesta cena, também é uma figura que aponta para a loucura. Esse momento da narrativa é relatado da seguinte forma: “Fiquei em pé e discuti trivialidades, em um tom esganiçado e gesticulando violentamente; mas o ruído aumentava e aumentava”. (POE, 2012, p. 211). Podemos perceber que o tom de voz esganiçado e a gesticulação compulsória e descontrolada denunciam um estado de agitação intensa e de total perda da sanidade. Nesse momento, podemos dizer que o personagem atinge o ponto máximo de sua insanidade, ao acreditar que o coração de uma pessoa morta teria voltado a bater para denunciar seu assassino. Além disso, outro ponto que ressalta ainda mais o descontrole do narrador é a intensidade do seu discurso: que vai ganhando um efeito crescente, até explodir em seu total descontrole.

Girei a cadeira sobre a qual estivera sentado, e arrastei-a sobre as tábuas, mas o ruído se elevava acima de tudo e continuava a aumentar. Ficou mais alto – mais alto – mais alto! E mesmo assim os homens continuavam a conversar afavelmente, e sorriam. Era possível que não estivessem escutando? Deus Todo-poderoso! – não, não! **Eles escutavam! – eles suspeitavam! – eles sabiam! – estavam escarnecendo do meu horror!**¹. (POE, 2012, p. 211)

Vejamos que no trecho em destaque há um efeito crescente que culmina em uma conclusão que o narrador chega, a partir de seu estado de desespero. Ele acredita que os policiais estão desdenhando de seu horror e com isso acaba se entregando. No entanto, esta conclusão do personagem narrador é bastante suspeita, já que ele se encontra notavelmente perturbado. Além disso, tudo que sabemos da trama é contado por uma subjetividade que se encontra em total estado de desequilíbrio. Ao dizer que o barulho do coração não era ouvido pelos policiais, o narrador nos leva a acreditar que “sua insanidade se volta contra ele quando imagina que outras partes do corpo morto, como o coração, poderiam se revelar contra ele.” (CORRÊA, 2011, p. 75)

No conto *O coração denunciador*, não há referência aos nomes dos personagens, isto pode ser compreendido como um recurso narrativo de Poe, que tem por objetivo promover maior identificação por parte do leitor, já que os personagens não seriam seres particulares, identificados por um nome, mas assumiriam caráter generalista, retratando uma situação da

¹ Grifo nosso.

condição humana. Desse modo, a loucura e insanidade que se apresentam no conto, não seriam aspectos de um ser em particular, mas seriam pertencentes a toda humanidade.

No conto em questão, Poe faz uma análise da natureza humana, e constata que, apesar de toda racionalidade, capaz de instaurar a moralidade e a ética, no ser humano habitam forças obscuras que são capazes de, em dados momentos, perturbar o equilíbrio mental do homem, impelindo-o a atos insensatos, e revestidos de maldade e perversidade. Percebemos que o personagem narrador do conto não se identifica como alguém notadamente mal, ou que vive a praticar atos de vilania e crueldade. Pelo contrário, ele até diz que em dados momentos sente compaixão pelo velho. No entanto, a inclinação para o mal, é algo que se esconde no íntimo de sua personalidade e vem à tona a partir de seu desequilíbrio mental, provocado por sua enfermidade e por sua repulsa compulsiva pelo olho de abutre do velho.

Uma cena do conto é bem sugestiva nesse sentido. A cena em questão é o momento em que o assassino espreita sua vítima no quarto escuro com um pequeno feixe de luz. O quarto escuro pode ser compreendido como uma metáfora da natureza humana, que seria dominada por zonas obscuras, como os instintos e as pulsações. O feixe de luz poderia ser compreendido como a racionalidade. Ao lançar o feixe de luz sobre o velho, em alguns momentos o narrador chega a enxergá-lo como pessoa e com isto sente compaixão. No entanto, ao mirar o olho de abutre com o feixe de luz o narrador é tomado pela fúria, e novamente a razão mergulha em zonas obscuras. O narrador passa, então, a reduzir a sua vítima a um objeto de repulsa que deve ser eliminado, no caso o olho. Portanto, o sentido desta metáfora seria uma forma de posicionamento contrário a uma crença exacerbada na capacidade da razão, apontando para elementos obscuros e não explicados da psique humana. Muitas vezes, tais elementos aparecem nos contos de Poe sob a forma de maldade inconsciente ou perversidade incontrolável. Em outros casos, estes instintos incontroláveis emergem na forma de loucura e insanidade como no conto em análise.

A maldade, como algo que estaria presente nos recônditos do ser humano, é um elemento muito presente nos textos de Poe, e também pode ser identificado no conto *O gato preto*. Nesta história o, também, personagem/narrador relata que desde sua tenra infância ele teria sido uma pessoa com bastante afeição aos animais. Além disso, ele descreve o ambiente harmonioso em que vivia com sua esposa e seu gato preto de estimação. No entanto, o abuso de bebidas alcólicas teriam provocado um estado de desequilíbrio emocional e irritabilidade, que culminaria com maldades contra o gato e o fatídico assassinado de sua própria esposa. Assim como no *Coração Denunciador*, notamos que no conto *O gato preto*, o narrador não é um indivíduo notadamente mau, no entanto, sua maldade emerge a partir de um estado de

desequilíbrio mental. No caso do conto *O gato preto*, a maldade é desencadeada pelo vício de álcool. Já no *Coração Denunciador*, a maldade seria desencadeada por um estado de perturbação mental e obsessão. No primeiro conto, a maldade é provocada por um fator externo, o abuso de álcool, já no segundo conto, o mal tem vasão a partir de um fator interno, que diz respeito ao estado mental do personagem/narrador.

No conto *O coração delator*, o tempo é um fator muito relevante, que nos ajuda a traçar um percurso interpretativo. No início da narrativa, o tempo aparece como uma linha ordenadora dos fatos, pela qual o narrador busca alinhar seu relato e demonstrar sua sanidade e seu método, já que ele relata ter esperado 8 noites e ter observado sua vítima, pontualmente, às 12 horas da noite. O narrador também descreve todos os seus cuidados em penetrar sorrateiramente o aposento do velho, mas lento do que o ponteiro de segundos. Ele também descreve todos os cuidados em ocultar o cadáver, que teriam, segundo ele, acabado às 4 horas da madrugada, o que supostamente demonstraria sua consciência temporal. “Após ter dado cabo de todas essas tarefas, eram quatro da manhã – ainda escuro como a meia-noite”. (POE, 2012, p. 110).

Apesar de tudo isso, no conto, a temporalidade também aparece quase sempre associada à morte. Constantemente o barulho do coração é associado a um relógio, que simbolicamente poderia ser entendido como um relógio que marca a temporalidade da vida e que prenuncia a proximidade do fim. Isto ocorre quando o assassino está prestes a cometer o crime e passa a ouvir o coração de sua vítima: “[...] pois agora, digo mais, chegava aos meus ouvidos um som baixo e surdo, como o que faz um relógio envolto em algodão” (POE, 2012, p. 108). Ao ouvir a contagem do tempo, através das batidas do coração de sua vítima, o assassino conclui: “A hora do velho chegara” (POE, 2012, p. 108).

Além da associação entre o coração e o relógio, a temporalidade aparece revestida de outros signos. À meia-noite o narrador era tomado por uma estranha aflição e um pavor inexplicável. Também nesse mesmo horário, durante oito noites seguidas, o assassino observava sua vítima. Provavelmente isso não acontece de forma gratuita na narrativa, mas parece indicar um sentido, que estaria relacionado ao terror mortal. Sabemos que a meia-noite é revestida de simbologia e misticismo, é o horário que marca o fim do dia, e simbolicamente pode apontar para o fim inevitável do ser humano. A meia-noite também é, para muitas crenças, a hora em que os espíritos malignos estariam libertos de suas prisões e exercendo influências sobre os vivos. Outro símbolo que relaciona o tempo e a morte na narrativa, é um pequeno inseto, o caruncho, que emite um som pulsante como um relógio e é tido como um

sinal de mau-agouro. O caruncho é ouvido, nas paredes da casa, todas as noites pelo narrador e também no momento em que ele espreita sua vítima.

Toda a trama parece se desenrolar em um tempo cronológico e objetivo, já que o narrador descreve de forma minuciosa o horário dos acontecimentos e a quantidade de dias em que teriam ocorrido os fatos relatados. No entanto, nos momentos em que o coração entra em cena, com um efeito de marcação temporal e de cronometragem, o tempo parece se tornar psicológico, e ao adentrarmos nas sensações do narrador, temos a impressão de que nestes momentos o tempo passaria de forma mais arrastada, criando o efeito de ansiedade. O narrador descreve o aumento da intensidade nas batidas do coração, provocando um efeito nervoso sobre ele. Isto ocorre também no fim da narrativa, quando ele está na presença dos policiais e passa a desejar que estes o deixem sozinho.

Sem dúvida agora eu ficava muito pálido; - mas falava com maior fluência, e elevando a voz. Contudo, o som aumentou – e o que podia eu fazer? Era um som baixo, abafado, acelerado – muito parecido com o som que um relógio faz quando envolto em algodão. Fiquei sem ar – e contudo os policiais nada ouviam. Falei com maior rapidez – com maior veemência; mas o ruído aumentava e aumentava. (POE, 2012, p. 101-111)

Percebemos que esta cena produz um efeito de duração prolongada, onde o narrador passa a ouvir o barulho do coração como um relógio a contar os segundos, a lentidão de um tempo que passa arrastado aumenta ainda mais a angústia do assassino, que deseja nervosamente que os policiais saiam da casa. Isto agrava o seu desespero, que cada vez mais vai se tornando aparente.

No conto, o tempo cronológico aparece como uma estratégia do narrador, para tentar revestir sua estória de lucidez e meticulosidade, já o tempo psicológico tem o efeito de tornar claro o estado de ansiedade e nervosismos do narrador. Assim, podemos dizer que o relato oscila na tensão entre o tempo cronológico e psicológico, onde ambos parecem fazer referência à morte.

No *coração denunciador*, como forma de dar ênfase ao estado mental do personagem a narrativa não explora a descrição do ambiente, é possível perceber que o narrador gasta pouquíssimas palavras com a caracterização dos cenários ou do espaço onde a trama se desenrola. A quase inexistência do cenário, fecha a trama ainda mais no estado subjetivo do narrador, que vai descrevendo suas sensações e estados mentais.

Neste conto também não são exploradas as caracterizações dos personagens, pois do velho só conhecemos seu olho azulado, e o personagem narrador pouco relata sobre sua vida e a posição social ocupada por ele e pelo velho, não sabemos com exatidão se eles mantêm entre si uma relação parental ou empregatícia. Com efeito, notamos que essa ausência de

detalhes minuciosos pode ser compreendida como um recurso de concisão, que mantém a narrativa mais coesa e enxuta, provocando o clima de suspense e mantendo a atenção do leitor presa no relato do crime. Como dito por Cortazar (1998, p. 246) “a admirável concisão do relato e seu fraseado breve e nervoso lhe dão um valor oral, de confissão ouvida, que o torna inesquecível. Para Amodeo (2009, p. 32), “a narrativa desconcerta o leitor, surpreende-o, mas ao mesmo tempo, o atrai. Ela mostra o que a mente pode construir, guiada por forças incontroláveis; forças que assustam justamente porque provocam atitudes incompreensíveis.” Ao relatar sua resolução em cometer o crime, o narrador dá ao seu relato um tom de confissão, que vai envolvendo o leitor cada vez mais e tornando-o seu cúmplice.

5. Considerações finais

Como foi possível perceber ao longo deste artigo, a loucura é um tema muito recorrente na obra de Edgar Allan Poe. No conto analisado neste estudo, a loucura possui uma relação direta com o fantástico, já que potencializa a hesitação e a dúvida do leitor diante dos fatos relatados. No início da narrativa, o foco é o crime cometido sem uma causa aparente. Tal crime é contado por um narrador que não teria um motivo racional, mas uma obsessão pelo olho de sua vítima, que o levaria a cometer o assassinato. Ao descrever sua obsessão o narrador torna cada vez mais perceptível seu estado de desequilíbrio mental, que vem à tona a partir de sua louca obsessão e de sua insistente tentativa em nos convencer de sua sanidade. Percebemos que a fixação pelo olho e o nervosismo são elementos que vão caracterizando o personagem/narrador como insano, isto passa a se evidenciar nos discursos incoerentes e intensos, que muitas vezes se mostram a partir de um efeito crescente, tornando perceptível a agitação que fustiga o narrador.

Outra cena que cria uma imagem caracterizadora da insanidade é o momento em que o personagem narrador tem uma mudança brusca em seu estado de ânimo, e passa da aparente tranquilidade ao total descontrole. Isto acontece quando ele está na iminência de confessar seus crimes para os policiais. Nesse momento, o assassino começa a falar em um tom de voz esganiçado, fazendo gestos descontrolados, o que claramente pode ser tomado como uma imagem que reveste o tema da loucura nesse conto.

Na narrativa, a loucura emerge a partir da obsessão pelo olho de abutre, que culmina no despertar de instintos obscuros e incontroláveis por parte do personagem/narrador. Ao final, a própria insanidade fulmina o assassino que confessa seu próprio crime, por estar atormentado, acreditando que o coração de uma pessoa morta pudesse voltar a bater para

denunciar seu algoz. Há fortes evidências no conto, de que as batidas do coração ouvidas pelo narrador, na verdade são as batidas de seu próprio coração, denunciando não o crime cometido, mas seu estado de total descontrole, que apesar dele tentar esconder e de nos convencer do contrário, a cada linha da narrativa vai se tornando mais evidente. Todavia, ainda permanece a dúvida, sobre o caráter sobrenatural das batidas do coração. E é justamente isso que instaura o efeito fantástico do conto.

A insanidade, conforme se mostra no conto, pode ser inserida dentro do macrocosmos da obra do escritor norte americano. Como vimos, em Poe a insanidade tem um papel importante, pois é a partir dela que, em muitos contos, o fantástico emerge, deixando os leitores em dúvida quanto a natureza real ou imaginária dos acontecimentos narrados. Em alguns contos de Poe a loucura se apresenta como um estado de sonho, alucinação ou delírio, que pode ser provocado por fatores externos, como o alcoolismo no caso do *Gato preto*, ou fatores internos como a obsessão presente no *o coração denunciador* e em *Berenice*. A loucura nestes contos também faz flerte com zonas obscuras da psique humana, que muitas vezes não seguem o apelo da racionalidade, mas tendem ao total descontrole.

Com base na análise realizada do conto *o coração denunciador*, podemos afirmar que as técnicas adotadas por Poe, em seus contos, confirmam a presença de elementos do fantástico a partir da atmosfera criada, visto que a dúvida sobre o relato é alimentada pela desconfiança instaurada sobre o narrador e seu estado de desequilíbrio racional. Com isto, não temos a plena certeza se estamos diante de fatos sobrenaturais, que se encontram para além das leis da natureza, ou se os acontecimentos insólitos se devem ao estado de devaneio e insanidade do narrador. Disto decorre que a insanidade passa a ter um efeito de potencializar a dúvida, e consequentemente o caráter fantástico da narrativa.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 6º ed. São Paulo: Martins Fonte, 2012.
- AMODEO, Maria Tereza. Poe e a contemporaneidade: um coração sempre delator. **Letras hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 28-35, abr./jun. 2009.
- BAUDELAIRE, Charles. Outras anotações sobre Edgard Allan Poe. Tradução Daniel Abrão. **Revista Cult**. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/ baudelaire-sobre-edgar-allan-poe/> >

- _____. Outras anotações sobre Edgard Allan Poe (Prefácio). In: POE, Edgar Allan. **Contos de Imaginação e mistério**. Tradução: Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012.
- CESERANI, Remo. **O fantástico**. Tradução de Nilton Cesar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- CORRÊA, Lilian Cristina. O fantástico e o estranho em “O coração denunciador”, de Edgar Allan Poe. **Revista Pandora Brasil**. Edição especial, Maio de 2011. P. 65-78.
- CORTAZAR, Julio. Vida de Edgar Allan Poe. In: _____ **Obra crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- FISHER, Benjamin F. **The Cambridge Introduction to Edgar Allan Poe**. New York: Cambridge University Press, 2008.
- FREITAS, Luano Ferreira. Insanidade fantástica. *Fragmentos*, v. 22, n. 2, p. 87-92, Florianópolis, Jul-Dez, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/31956> > Acesso em: 25/09/2020.
- GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. O mal como princípio de desordem em Edgard Allan Poe. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 27, n.1, p. 127-141, 2017.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2006.
- HAYES, Kevin J. **Poe and the printed word**. New York: Cambridge United Press, 2000.
- POE, Edgar Allan. **Contos de Imaginação e mistério**. Tradução: Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Tordesilhas, 2012.
- ROZSAS, Jeanette. **Edgar Allan Poe o mago do terror**. Romance biográfico. Melhoramentos. (Livro digital).
- SANTOS, L.; GABRIEL, M. A. Loucura e método: O Sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna. **Revista Criação & Crítica**, v. 13, p. 160-171, 2014. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i13p160-171> >
- SILVA, Ana Maria Zanoni da. Loucura e morte: A fantástica configuração de Morela e Eleonora. **Anais do SILEL**. V. 3, N. 1, Uberlândia: EDUFU, 2013.
- SOVA, Dawn B. Edgar Allan Poe. **A literary reference to his life and work**. New York: Facts on life, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.